

REFLEXÕES SOBRE O DIÁLOGO

SOTTOMAYOR CARDIA

1. Uma nova revista mensal portuguesa apareceu no início de este ano: *O tempo e o modo*. «Revista de pensamento e acção», procura, segundo o folheto que a anunciou, «um modo de influir no tempo, mais precisamente, de influir no tempo a nosso modo». O editorial do primeiro número delimita as suas coordenadas de opção: «luta contra a geral *desordem estabelecida*», isenção «de qualquer confessionalismo ou partidarismo político concreto», «concepção libertadora e progressiva da História e da Pessoa Humana, que acentue o primado desta sobre as necessidades materiais e técnicas colectivas em que se baseia o seu desenvolvimento», estudo «com atenção crítica» de «todas as formas de regressão e entrave a esse seu progressivo desenvolvimento». É portanto revista que se apresenta como dirigida aos problemas da acção e empenhada em lhes imprimir direcção progressista.

Não se propondo promover ou reflectir uma doutrina organizada, antes tentando «formular algumas perguntas e experimentar algumas respostas», *O tempo e o modo* pretende ser julgado predominantemente pela «atitude», pelo «modo especial de estar presente e de enfrentar». Aspira «caminhar para um modo mais concreto de abertura e diálogo», proclama que «não interessa enganar tanta angústia e ansiedade com um mito mais» e ergue-se contra o «modo astucioso de tratar as coisas e os homens e as suas relações». É assim revista progressista na intenção expressa, *dialogante* no método apregoados.

2. Se a autopredicação de rótulo promotor de ideias sistematizadas e posições definidas impõe responsabilidades no domínio da formação doutrinária, a preferência por uma tribuna de convergência e diálogo, mesmo que envolta no manto da modéstia e da falibilidade proclamadas, exige responsabilidades não menores no que

concerne provas práticas de sinceridade e capacidade de objectivar os propósitos. É uma empresa delicada sobretudo quando envolve, como foi o caso, a apresentação de uma série de nomes como garantia tácita da direcção dialogante. Quem se propõe incentivar e encorajar esse diálogo não pode esquecer que, se a empresa é meritória, a aceitação da responsabilidade de a conduzir equivale a considerar-se dotado da necessária maleabilidade e de englobante compreensão dos problemas e conflitos; a inexistência de essas qualidades ameaça não só comprometer a seriedade e a utilidade de uma tentativa mas a diafanidade do próprio propósito genérico — o diálogo.

E neste ponto cabe perguntar se parece normal que uma revista de diálogo se apresente, logo à nascença, com uma tão perfeita coerência de posições, em quanto de significativamente responsável é atinente a pensamento para acção, como o «extremismo de Fidel», a crítica de Paul Ricoeur ao materialismo histórico, o socialismo do P. Teilhard, «a norma jurídica como meio adequado à alteração das estruturas», as generalidades abstractas de Jaspers sobre o espírito europeu — tudo ou artigos do director

ou antologias especialmente escolhidas pela redacção. E tudo em três escassos números.

3. Ao quarto dia a consonância desvaneceu-se. Mas ao quinto o «diálogo» deixou de ser propriamente cambado e tornou-se menos leal. No editorial colectivo analisam-se os possíveis modos de reagir construtivamente ao «espartilhamento» que limita o nosso tempo concreto. E aponta-se uma tricotomia de caminhos, o primeiro dos quais consiste em «se insinuar um sistema organizado e aí se proceder a uma instalação». Se se opta por esse método, pode-se dizer «o que houver de pertinente ou indiferente, na certeza de que se aí se escreve sobre o aproveitamento das margens do Sorraia para a cultura dos híbridos, ou se aí se anuncia Fulano de tal — médico em Tavira, o leitor sabe desde já o que articulista e anunciante pensam sobre a auto ou heterodeterminação dos povos, a distribuição, redistribuição, atribuição ou abolição da propriedade e o *apport* da arte na construção da história».

Os termos por que está caracterizada a alternativa citada levantam duas ordens de problemas: uma de

→

OBRAS COMPLETAS DE AQUILINO RIBEIRO CASA DO ESCORPIÃO

A arte admirável do grande Aquilino
está aqui viva, exuberante e completa

Edição normal 45\$00

Edição ilustrada por Dordio Gomes 115\$00

L I V R A R I A B E R T R A N D

exegese de textos enigmáticos, outra de coerência moral. Quanto à exegese é iniludível tratar-se de referência a uma revista e a uma revista portuguesa e progressista, a uma revista com a qual *O tempo e o modo* se possa comparar por contraste de método dentro de um objectivo comum. Essa publicação não existe com as características apontadas; mas como parece evidente que o editorial de uma revista «de pensamento e acção», de uma revista preocupada «em localizar e fazer incidir o esforço sobre a análise, clarificação e resolução dos problemas que afectam o nosso tempo particular», não se ocupa de entidades abstractas, é de supor que intencionalmente se refira a alguma publicação existente. E neste ponto entra em jogo a outra ordem de problemas, de natureza ética. Será digna da solidariedade necessária entre revistas irmanadas no mesmo objectivo comum, mesmo não proclamadas dialogantes, a iniciativa de criticar sem esclarecer a quem se dirige a crítica? Uma elementar norma de confronto construtivo exige seja publicamente esclarecido quem é o destinatário da ironia. Exige esclarecidamente público sobretudo para evitar o «modo astucioso de tratar as coisas e os homens e as suas relações» condenado no editorial de apresentação, porque qualquer leitor que se esforce por decifrar a charada pode descobrir por exclusão de partes.

A uma revista que «dialoga» de essa forma pode perguntar-se se não concorda em que o diálogo útil impõe, pelo menos aos que o reclamam mas também especialmente a esses, abstenção da iniciativa de hostilizar e sobretudo de hostilizar irònicamente. A ironia usa-se no diálogo convergente ou no combate? Se *O tempo e o modo* não quer dialogar construtivamente com as ideias e as posições que tão acintosamente atinge, e porque parece ponto assente que o não prefere fazer com as que se abstem de referenciar, parece legítimo se receie que queira apenas dialogar consigo próprio.

4. Ao diálogo monologalmente coerente sucedeu o diálogo de moralidade singular. Depois, e essa a fase

presente, veio um número especial subordinado à interrogação: «a arte deverá ter por fim a verdade prática?» No que concerne as técnicas, conscientes ou inconscientes, da acção e da confusão na frente ideológica, merecem aí especial reparo os inquéritos elaborados pela redacção. São na generalidade questionários ao nível do mais ingénuo senso-comum dos preconceitos libertistas.

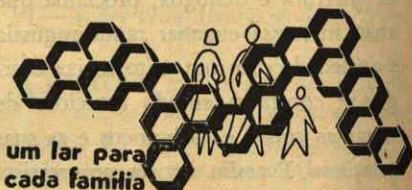
«Deverão os romancistas subordinar o seu labor a determinados valores morais, geralmente aceites como tal, ou o seu testemunho desenvolver-se-á sem constrangimentos extrínsecos à personalidade do artista?». «A imposição de uma orientação ideológica (de qualquer carácter, moral, político, religioso) não será uma limitação da liberdade do poeta?». «Só se poderá considerar social a poesia que cante as inquietações de valor sócio-político, ou possui interesse verdadeiramente social toda a poesia que cante o homem sem qualquer limitação de temas?». «Deverá ser o teatro, antes de tudo, um meio de educação ou esclarecimento popular ou, pelo contrário, ser a expressão da realidade interior do dramaturgo? Por outras palavras, até que ponto deverá o dramaturgo subordinar a sua criação a uma tentativa de resolução dos problemas mais urgentes da sua ambiência política e social, sem atropelo da sua liberdade?».

A concepção subjacente à forma de interrogar exemplifica tipicamente o método ideológico do «objectivismo» i.e. a pseudo-objectividade que consiste em pôr os problemas a nível só superado o qual eles podem ter algum sentido. Subordinação a valores morais extrínsecos à personalidade do artista, imposição ideológica limitativa da liberdade do poeta, limitação de temas a inquietações do valor sócio-político, problemas urgentes da ambiência política e social atropeladores da liberdade do dramaturgo — são sequências de palavras que só significam alguma coisa em visão quotidianamente acanhada das noções de liberdade, personalidade, política. Os «problemas» que originam são questões simplistas sobre assuntos complexos, com a agravante de, entre os interrogados, ser mínima

a percentagem de representantes da «arte como verdade prática», de verdadeiros práticos do tema. São questionários deseducadores que (além de dificultarem resposta inteligível que seja resposta à pergunta e não contra a pergunta) só servem para enquistar preconceitos e pseudoproblemas fáceis de germinar no público a que se dirige a revista. E com o clima criado e o público atendido, até quase não têm inconveniente depoimentos como os de José Gomes Ferreira ou Jorge de Sena. Pelo valor próprio e para desmascaramento das perguntas, merecem se chame sobre eles a atenção do público ainda não domesticado pela linguagem típica de *O tempo e o modo*. Escreveu o primeiro:

«Um homem nasce. Baptizam-no. Ou não o baptizam. Depois a mãe, a avó, o pai, as criadas, as vizinhas, os amigos, os professores, os livros escolares, os jornais, as histórias aos quadrinhos, a rádio, a televisão, o raio-que-os-parta-a-todos metem-lhe opiniões na pele, incutem-lhe superstições e imbecilidades, justamente na idade inocente em que tudo é fantástico e natural, desde os mitos mais parvos à adoração de ídolos para ingénuos toscos.

«Mas quem considera isto imposição de orientação ideológica? Obedecer a essas forças, impostas na infância e na adolescência — quantas vezes à custa do medo do papão, do inferno, de palmatoadas, de zeros na caderneta,



É inquilino?

Inscreeva-se sócio da
**Associação dos Inquilinos
Lisboenses**
(Sociedade Cooperativa)

E verá zelados os seus legítimos
interesses

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 12

Telefone 73 60 70

QUOTA MENSAL 5\$00

de ralhos, de bruxas, do «homem do saco», da polícia — é o que por via de regra se chama liberdade. A liberdade do artista».

5. Analisados alguns casos típicos de patologia do diálogo que *O tempo e o modo* está praticando, importa determinar o que possa útil e seriamente ser o diálogo de pensamento, i.e., o diálogo que uma revista pode como tal promover.

Será apenas uma justaposição de pontos de vista ou opiniões cuja única função colaborante é a inserção lado a lado? E no caso de não ser justaposição simples, será conglomeração em torno de problemática formulada em termos viciados? Não creio que isso seja diálogo; receio que contribua, por baralhamento, para aumentar a confusão pública, que apenas sirva para mútuas transigências teóricas dos interventores, e que, no contexto em que se insere *O tempo e o modo*, faça até suspeitar se queiram fazer anexações e insinuar contrabando sob disfarce de amostras vistosas. A maneira de «dialogar» que *O tempo e o modo* está ensinando à sociedade portuguesa arrisca-se a ser, no melhor dos casos, uma utopia mansa e imprecisa.

Uma revista com as características dominantes em *O tempo e o modo* pode ter papel útil; mas para que essa utilidade seja límpida importa banir o equívoco e apresentar tudo com clareza e sem disfarce. É pena que certas condições históricas tenham convencido muitas pessoas de que os «outros» não estão à altura de as ouvir falar claro: triste mentalidade de «in-

compreendidos» ou de estratégias intelectuais que supõem necessitar de «jogos» complicadíssimos para se moverem, mesmo no domínio das ideias. O que é necessário e até prova autoconfiança é que se assumam, construam ou adoptem ideias nítidas e claras. Essa a prévia contribuição para um diálogo que seja algo mais do que plataforma de equívocos e expressões adocicadas embora hábeis, para uma forma de convivência que não seja a própria caricatura do espírito apreçoado e da necessidade reclamada.

O diálogo, o confronto, é necessidade real; mas «diálogo» é também palavra na moda, «mot d'enflure» que muito facilmente pode frustrar as intenções de quem proclama que «não interessa enganar tanta angústia e ansiedade com um mito mais».

Prevejo que *O tempo e o modo* se consiga libertar da confusão que até aqui só tem ajudado a lançar e ganhe confiança suficiente para falar claro e expor a sua concepção progressista «da História e da Pessoa Humana» na sua relação de primazia sobre «as necessidades materiais e técnicas colectivas». Mas permito-me perguntar se para se ser esclarecedor não é preciso ser-se claro e se a confiança é virtude dispensável em quem se consagra a problemas de acção.

Hoje em Portugal a grande opção não é a de conservar ou substituir o modo de produção dominante, como também não é a de ser cristão ou não cristão, ao contrário do que pode fazer crer uma dicotomia agitada despitantemente embora talvez sem intenção — aquela questão tem demasiada

categoria, esta demasiado pouca —; não é isso que actualmente divide os portugueses. O que nos divide é a opção entre *clarificar e confundir ideias*. Ainda estamos em essa fase: da clarificação têm muitos a esperar, da confusão vários e variados a ir-se aproveitando. Que cada um seja clarificador no seu próprio rumo interessa-nos a todos se somos sinceros.

6. Não desejaria que este feixe de notas fosse interpretado como tentativa de criar cisões ou evitar colaborações práticas que tenham denominador comum sério e real; trata-se exactamente do contrário: as ferroadas e os contrabandos é que originam cisões e o mau conhecimento mútuo hesitações. Gosto tanto de plataformas práticas como desgosto de plataformas de ideias. Estas linhas não foram ditadas apenas pelo desejo de manifestar desolidarização relativamente a uma revista a que o meu nome apareceu ligado, embora secundariamente. Foram-no, sim, pelo propósito de trazer à luz do dia a discussão de um empreendimento que, tal como está sendo praticado, representa pelo menos acção de mentalidade confusionalista com repercussão séria. Não se trata necessariamente e sempre de maquiavelismos sombrios: não raro ideologia é pensamento cujas determinantes reais a si próprio escapam, pensamento que a si mesmo se desconhece quanto à função que desempenha. De aí a importância do diálogo, do esclarecimento.

Julho de 1963

SOTTOMAYOR CARDIA

COLECÇÃO

NOVOS

ACABA DE SAIR
O VOLUME N.º 5

VOLUME
ANTERIOR

Romance - Teatro - Poesia - Conto - Ensaio

O SECRETO ADEUS

BAPTISTA-BASTOS

Tomo n.º 2 da Série «Novos Romancistas»

POST SCRIPTUM

CÉSAR PRATAS

PRÉMIO REVELAÇÃO DE POESIA - 1962

Tomo n.º 1 de Série NOVOS POETAS

PORTUGÁLIA EDITORA



Direcção Literária
de
LÍLIA DA FONSECA
Direcção Artística
de
M. CALVET DE MAGALHÃES

**Livros para crianças
ilustrados por crianças**

Última Novidade

**OS COMPANHEIROS
DO BONIFÁCIO**

por *Lília da Fonseca*

Pedidos à
SEARA NOVA